

Produção de conhecimento e políticas para a pesquisa em música. Música & Tecnologia.

Rodolfo Caesar

Resumo. A música como área de conhecimento. Sua divisão em sub-subáreas que não recebem a mesma pontuação: pode isto cortá-la pedaços para sempre? O que é pesquisa em música, o que se conforma ao formato da pesquisa científica? Sendo música Conhecimento, seria também Ciência?

Palavras-chave: Música & Tecnologia. Música & Conhecimento. Objetividade.

Abstract: Music as knowledge. The area's division: couldn't it lead to an Irreversible division? What is research in Music, what really fits in the scientific Research model? Being music knowledge, could it be also a science?

Key words: Music & Technology. Music & Knowledge. Objectivity.

Se existe um privilégio vital para os músicos na vida universitária, é a de se poder estudar, poder renovar o conhecimento, e, quando for possível, acrescentar algum grão ao conhecimento geral através da pesquisa, da produção de música ou de texto sobre música. Nunca é demais lembrar que, neste planeta desertificado pelas injunções de mercado, o espaço universitário se tornou um refúgio, um santuário para a criação e a reflexão musical - até mesmo as mais orientadas pela gratuidade. É um benefício que nos esforçamos por sustentar, e que requer uma constante tomada de equilíbrio: a compreensão de uma tensão.

Devido ao enxugamento das máquinas financiadoras e às dificuldades crescentes para a obtenção de bolsas e apoios, atualmente a verificação da produtividade na área de música tem gerado muitas discussões, muitas das quais estéreis. Assiste-se a conflitos de interesses crescentemente agressivos quanto mais diminuem as verbas para a pesquisa. Sobre esse fundo se delinea o futuro da criação musical na universidade, que depende essencialmente de como a área de música vai se constituir - como um organismo inteiro - para disputar, com a biologia e a informática, por exemplo, pequenas fatias de um bolo minguante. Porque somente ao preço de sua constituição, pela compreensão da tensão nas diferenças entre as sub-subáreas, a subárea adquirirá consistência.

A primeira e mais óbvia dificuldade entre as sub-subáreas reside na tão debatida necessidade de sabermos como pontuar a produção musical

universitária. Por exemplo: quantas composições estreadas em eventos nacionais perfazem o mesmo número de pontos equivalendo a um artigo publicado em revista internacional indexada? O paper publicado vale pontos, uma obra estreada também: isto é uma conquista, mesmo se nesta indexação se subestimar, por exemplo, uma apresentação em coreto ou praça pública. Com a devida atenção, as correções virão ao longo do tempo. Porém não se trata apenas disso.

A música na Universidade já nasceu em pedaços, segmentação esta conforme às necessidades de canalização frente à diversidade dos tipos de produção musical: a criação de obras ficou na subárea da Composição, tocar instrumentos é Prática Interpretativa, escrever sobre música é Musicologia. O XV Congresso da Anppom apresenta novas segmentações: Educação Musical, Musicoterapia e Música & Tecnologia. Mesmo se estas ainda não estão assimiladas pelos programas de pós-graduação, já se destacam como sub-subáreas, e de agora em diante o verbo 'destacar' deve ser pensado com cuidado. Este último segmento (M&T), por exemplo, já vinha recebendo uma atenção especial graças ao vínculo imediato com as ciências da computação.

Música & Tecnologia

Música & Tecnologia: o '&' de ligação entre estas duas áreas não deve ser necessariamente interpretado como sinal de um casamento feliz. Diante da dupla posso ser levado a pensar em Batman & Robin, Jerônimo & Moleque Saci e Romeu & Julieta; mas ela também pode apontar para relacionamentos conturbados como Elizabeth Taylor & Richard Burton, Tom & Jerry, Sansão & Dalila, e até Judite & Holofernes. Música & Tecnologia nos encaminha para o exame de todas as questões referentes a esse contrato difícil que é o casamento, incluindo aí as 'discussões de relação'.

Este elo de ligação fica perdido especialmente quando, em lugar de se aproveitar da proximidade e da intimidade para aprofundar o conhecimento uma da outra, uma das partes se crê mais esperta. No casamento em questão - da música com a tecnologia – o fim de um 'caso' já merece registro. Foi quando o núcleo de pesquisadores que tentava juntar as pontas da música com a tecnologia decidiu eliminar a cereja da música eletroacústica (a composição e as práticas interpretativas *cum* tecnologia) do topo do seu bolo nupcial, acreditando-se dispensado de discutir a relação. Os adeptos da cereja de certa forma exploravam novas alternativas de financiamento para sua atividade composicional/perfomática em abrigo provisório sob o guarda-chuva da

computação. Para grande sorte da subárea de Música, mesmo sem cereja para atrapalhar a sucção, a área computacional não foi absorvente para levar para si este importante pedaço nosso. Curiosamente, se alguém se der ao trabalho de analisar os papers ali produzidos vai notar que os de melhor qualidade são os que justamente se encaixam em congressos como este (Anppom 2003).

O mais óbvio motivo legitimador da existência do núcleo tinha sido o apoio à música vindo da parte endinheirada da computação. Estava-se em plena estratégia do cuco, que põe seus ovos em ninho alheio (para que outro pássaro alimente a sua prole), esquecendo-se que em matéria de oportunismo a cara-metade é muito mais descolada. Basta lembrar o destino do SYTER, do GRM, vendido para a marinha francesa (para realizar análise em tempo real de sons submarinos). É ingenuidade acreditar que quando o MIT emprega um violoncelista como Yo Yo Ma seu interesse seja a música. O engenheiros do MIT sabem que a complexidade da música, sim, é um desafio para a computação, a indústria de software e hardware impulsionada por avanços nas ciências cognitivas.

Se todavia persistir nesta separação, a música não terá percebido que no falso enlace também enfraquece seu núcleo central. Graças à manutenção do tema M&T em seus congressos, a Anppom soube evitar um sério esvaziamento pois permitiria que a produção de M & T, seus papers e outros derivados, incluindo composição, escoassem unicamente para aquele setor. Fica claro porque se deve reear alianças centrífugas (aqui exemplificadas com a dupla M&T - mas poderiam ser várias outras), isto é, que se afasta dos vetores disciplinares cujo núcleo é a Música. Pode ocorrer a fragmentação de uma subárea que ainda nem se constituiu como tal. Seguíssemos naquela direção brevemente a aliança Música & Tecnologia seria uma subárea da Computação. Etnomusicologia estaria na Antropologia. Educação Musical na Pedagogia. História da Música em História, etc...

Entretanto, é necessário manter uma mistura das populações de cada uma das subseções entre si, sempre ciente de que estas subdivisões muitas vezes são artificiais. Por exemplo neste congresso algumas comunicações na sala de Música & Tecnologia, por seu cunho filosófico poderiam estar tanto em Musicologia quanto, por exemplo, em uma hipotética sub-subárea de Música & Filosofia. O interesse geral dos ouvintes demonstrou abertura para assuntos não específicos de M&T reafirmando a natureza interdisciplinar da música, condição esta que sempre deve ser confirmada e estimulada. (A definição de espaços de

apresentação segmentados por assunto - necessária para dar conta da quantidade de inscrições - foi entendida como prejudicial porque filtrava por princípio. Porém o que pesa de fato é a tendência naturalmente endogênica entre os pesquisadores de acompanharem o programa de sua própria subseção).

A crescente diminuição da mistura, portanto da comunicação entre subseções não é o efeito mais diluidor. A grave consequência a longo prazo seria, eventualmente o aprofundamento dos recortes dentro das próprias escolas, seccionadas em unidades cada vez mais separadas para maior exercício da competição por bolsas e apoios (dos órgãos de fomento). A escola de Musicologia concorrendo com a de Composição, etc. este estado de coisas parece ser confirmado pela sugestão de que certas produções acadêmicas musicais deveriam buscar subsídios em órgãos de fomento diferenciados, até mesmo de outros Ministérios. O CNPq, por exemplo, por pertencer ao Ministério de Ciências e Tecnologia, fomentaria apenas a pesquisa 'científica'. A composição e as práticas interpretativas já deveriam ter percebido que, não sendo da alçada do mesmo ministério deveriam buscar fomento em outros, como por exemplo o da Cultura.

Se as divisões ou papéis dos órgãos de fomento e dos Ministérios não correspondessem nem atendessem aos da música, isso seria problema não da música - anterior a isso tudo - mas resultado de uma divisão de órgãos e ministérios inadequada para a ela. Mas esta não é a questão de verdade, já que os órgãos de fomento nem sabem direito o que é que qualifica uma produção como 'fomentável'. Parece faltar um entendimento interno através do qual as tres, quatro ou cinco subáreas reconhecessem sua mutua interdependência para a substanciação da área de música. Esta muito se beneficiaria se adquirisse a consciência de que sua 'essência' só é possível quando há co-existência das subseções, até porque esta 'essência' da música é a interdisciplinaridade. O todo da Música, sim, vive como parasita, e de uma enorme quantidade de disciplinas.

Ponto por ponto

Conforme dito anteriormente, a pontuação da produção se adequa mais aos produtos 'científicos'. Uma densa discussão poderia se prolongar sobre a possibilidade de se acreditar - para a música - em um status mais confiante em sua *cientificidade*. Mas como perguntar se 'Música é Ciência? se todos aceitam que Música é (apenas) Arte? No discurso de abertura do XV Congresso a Anppom foi saudada como a 'que se manifesta na [esfera da] sensibilidade' sem atentar para o fato de que,

assim exposta, ficava mais longe da esfera dita inteligível, esta, sim, espaço para a concreção de uma racionalidade ‘científica’.

Certamente não se deve confundir o status do conhecimento multidisciplinarmente espalhado em torno da música com aquele das ciências modernas e contemporâneas. Sua complexidade, especificidade e nuclearidade fazem da música uma área privilegiada de geração de conhecimento. Será difícil e até mesmo estéril buscar para ela critérios legitimadores que a aproximem da ‘objetividade’ das ciências. (Por sinal, nem bem sabemos com certeza de que se trata, essa objetividade das ciências.) Mas já sabemos, sim, que em outros lugares uma parte importante da subseção Música & Tecnologia perfila social e produtivamente com as ciências da computação, usando de toda sua ‘sensibilidade’ para os abraços mais tecnocientíficos. O mesmo se poderá dizer da produtividade dos problemas lançados pela música para as ciências cognitivas.

Por causa de tantos enlaces misturados com a história do conhecimento, Arte e a Ciência ainda não foram - e talvez nunca o sejam - definitivamente compartimentalizadas. A astrofísica mergulha poeticamente em ‘buracos negros’ esquivando-se de ‘cordas’ a despeito dos esforços do principal e mais preocupado dos filósofos, que contraiu dívidas semelhantes há dois mil anos atrás:

‘Platão também dirá que o verdadeiro recurso contra o poema é “a medida, o número e o peso”.. ‘...o que a poesia desorienta é o pensamento discursivo, a *dianoia*. O poema, diz Platão, é “a ruína da discursividade dos que o escutam”.’

“Que ninguém que não seja geômetra entre aqui”: Platão faz a matemática entrar pela porta principal, como procedimento *explícito* do pensamento, ou pensamento que só pode se expor como pensamento. A partir de então, é preciso que a poesia, sim, a poesia saia pela escada secreta. Essa poesia ainda onipresente na declaração de Parmênides e nas sentenças de Heráclito, mas que oblitera a função filosófica, porque nela o pensamento se outorga o direito do implícito, do que adquire poder na língua de outra parte que não do pensamento que se expõe como tal.

‘Essa oposição entre língua da transparência do matema e a obscuridade metafórica do poema coloca, no entanto, para nós modernos, problemas temíveis.’

‘Platão, por sua vez, não consegue sustentar essa máxima até o final, essa máxima que promove o matema e bane o poema. Não consegue, pois ele próprio explora os limites da *dianoia*, do pensamento discursivo. Quando se trata do princípio supremo, do Uno, ou do Bem, Platão deve convir que estamos “além da substância”, e conseqüentemente, fora de tudo o que se expõe no recorte da Idéia. Ele deve reconhecer que a doação em pensamento desse princípio supremo, que é a doação em pensamento do ser mais além do sendo, não se deixa atravessar por nenhuma *dianoia*. Ele próprio deve recorrer às imagens, como a do sol; às metáforas, como as do “prestígio” e do “poder”; ao mito, como o de Er, o panfiliano, que volta do reino dos mortos. Em suma: lá onde o que está em jogo é a abertura do pensamento ao princípio do pensável, quando o pensamento deve absorver-se na percepção do que o institui como pensamento, eis que o próprio Platão submete a língua ao poder do dizer poético.’ (Badiou, 2002, pg. 32-33)

Ainda não se pode, em tão pouco tempo, investigar qual o ‘poema’ oculto no fundamento das ciências, mas se sabe o quanto estas se povoam de metáforas e *imagens*¹. A semiose das músicas eletroacústicas [para ficar apenas em um exemplo que me é próximo] não consegue prescindir de fontes semelhantes, não só para análise de obras como também para estabelecer critérios de percepção. Se esses domínios (do ‘inteligível’ e do ‘sensível’) são tão próximos, por que, em um discurso de ‘cientista’, apareceram tão distanciados?

Certamente não é por total responsabilidade do emissor, mas muito mais pela aceitação tácita dos próprios pesquisadores ouvintes, que, admitindo sua reclusão nessa esfera ‘sensível’, subtraem da música os ‘estatutos’ para sua constituição como conhecimento.

Evidentemente não há como recusar à música sua interpenetração com a esfera sensível, mas se pode, sim, apontar para o perigo de seu confinamento dentro dela, redução esta que corre o risco de estar recebendo influxos de dentro da própria música; e que, em seguindo esta

¹ Para exame extensivo sobre o papel, o grau e os fundamentos que sustentam a objetividade científica, leia-se Isabelle Stengers, *A invenção das ciências modernas*, Ed. 34, 2002)

tendência brevemente a mais pura essência da música vai se enxergar como está sendo projetado: solitária e estéril.

Referências Bibliográficas

BADIOU, Alain. *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

Rodolfo Caesar. Doutor pela University of East Anglia, Inglaterra. Estudou no Conservatoire National de Paris, no Groupe de Recherches Musicales e no Instituto Villa Lobos, da FEFIEG. É professor da Escola de Música - UFRJ, coordenador do Laboratório de Música e Tecnologia (LaMuT), pesquisador do CNPq e compositor.
e-mail: rodolfo.caesar@terra.com.br